

A DESUMANIZAÇÃO DA MORTE E DO HOMEM

Leandro Laube*
leandro@laube.pro.br

RESUMO: Tendo como ponto de apoio *Do Sagrado ao Profano: A Urbes em Ragtime*, de Wilton Fred Cardoso de Oliveira¹, o presente ensaio aborda a evolução das relações sociais e religiosas, desde os primeiros passos neolíticos até a contemporaneidade metropolitana ocidental, mostrando o esvaziamento do homem a partir de seu afastamento da morte, com a consequente anulação da subjetividade. Lança mão de elementos filosóficos e literários, sem no entanto constituir-se um ou outro, quicá nem um nem outro; algo intermediário, ou o que Reichmann poderia chamar de *Intermezzo Lírico-Filosófico*.

PALAVRAS-CHAVE: morte, desumanização, sagrado, profanação, dessacralização

ABSTRACT: Having as support the Do Sagrado ao Profano: A Urbes em Ragtime, by Wilton Fred Cardoso Oliveira, this essay focuses on the evolution of social and religious, from the earliest Neolithic steps until the contemporary metropolitan West, showing the emptiness of man being away from death. Makes use of philosophical and literary elements, without providing one or the other, perhaps neither one nor the other, something in between, or what might be called from Reichmann "Philosophical-Lyrical Intermezzo".

KEYWORDS: death, dehumanization, sacred, profanation, desecration

Estando os primeiros homens entre as criaturas mais frágeis da natureza, mais para caça do que para caçador, foram forçados a desenvolver habilidades que lhes permitissem a sobrevivência, o que os levou à criação de utensílios, de armas e de sistemas sociais. O domínio da agricultura e a domesticação de animais, há cerca de sete mil anos, proporcionou uma fonte segura de alimentos, o que colaborou para a melhoria das condições de vida e o consequente crescimento dos núcleos

*Graduado licenciado em Filosofia, especialista em História do Brasil pelas Faculdades Integradas Espírita e em Educação a Distância pelo Instituto Tecnológico de Desenvolvimento Educacional (ITDE).

¹ Revista FACEL, v. 1 (n.º 1): p. 56-62, 2003

populacionais. Uma vez fixada à terra, a humanidade promoveu alterações ambientais cada vez mais significativas, pois passou a prepará-la às suas necessidades e expectativas. Assim, eis que o homem acabava de dar início à rotina de criação de sua própria paisagem, deixando na natureza sua marca pessoal, a cidade (FENIANOS, p.5).

As primeiras sociedades apresentavam-se com estruturas bastante simplificadas, baseadas nas tradições e, em geral, os líderes (chefes ou feiticeiros) não determinavam as ações, apenas orientavam ou aconselhavam. Com o alargamento das relações entre os pequenos grupos familiares, formaram-se as tribos e estas progrediram para vilas e cidades. Esse crescimento demográfico exigiu o desenvolvimento de relações cada vez mais complexas no interior dos grupos. Posteriormente, na Idade dos Metais², as sociedades chegaram a modelos mais intrincados, nos quais a coletividade organizava-se em estruturas administrativas permanentes, cuja amplitude variava conforme a cultura, a época e determinadas circunstâncias históricas. Uma das alavancas nesse processo, certamente, foi a crença religiosa (OLIVEIRA, p. 57), o que levou à aproximação do poder político com a religião, fortalecendo os sacerdotes, conferindo-lhes, em muitos casos, prestígio e fortuna.

Ainda na pré-história, é possível que o próximo passo do homem, seguinte à percepção de si mesmo, tenha sido a noção de sua finitude, o que o colocou desprotegido diante do abismo. A partir daí, durante toda a história, foram criadas cerca de quatro mil divindades geradoras da morte e mais de dez mil dedicadas a ela, tamanha a angústia diante do insondável. Sem ter como explicar o que não pode ser entendido, a humanidade conformou-se com o inevitável, até como meio de melhor aceitá-lo.

No processo de aceitação da morte, a religião e a religiosidade tiveram uma importância crescente, a ponto de os sacerdotes chegarem a desfrutar poder de influência política por vezes superior ao de imperadores, quando eles próprios não os

²Entende-se por Idade dos Metais, o período da pré-história posterior à Idade da Pedra, que vai aproximadamente até a queda do Império Romano (476 d.C.). Foi marcado pelo início da confecção de instrumentos metálicos em substituição aos de pedra polida e divide-se em Idade do Cobre, Idade do Bronze (período no qual provavelmente surgiram os primeiros Estados, no Egito e na Mesopotâmia) e Idade do Ferro.

eram. Neste contexto, talvez um dos melhores exemplos seja o da religiosidade egípcia antiga: A maior parte da população era de camponeses e de artesãos incapazes de compreender os rituais religiosos excludentes e cada vez mais complexos. Assim, não tardaram a surgir aproveitadores dispostos a comercializar o conhecimento relativo à comunicação com as divindades, realizando qualquer tarefa que se lhes fosse encomendada (e convenientemente paga). Não tardou a corromperem-se as magias, originando sortilégios, demonismos e feitiçarias:

Com a magia branca e negra dos egípcios se confunde a maior parte da magia de outros países de todo o mundo; é impossível dizer exatamente até que ponto as crenças e sistemas religiosos de outras nações foram influenciadas por elas, mas não há dúvida de que delas vieram diretamente certas concepções e ideias religiosas de muitas seitas pagãs e cristãs. (BUDGE, p. 12)

Os povoados cresceram, as civilizações avançaram organizando-se como redes de relações de poder autoritário que se espraiou “não só pelas chamadas instituições políticas mas por todas as relações sociais” (FREIRE & BRITO, p. 29), inclusive a familiar. O aumento das necessidades ligadas à sobrevivência levou à profanação da terra e as cidades, outrora sagradas e centradas nas células familiares, passaram a orbitar o profano que a invadiu e desumanizou seus filhos (OLIVEIRA, p. 57).

Com o fim do modo de produção feudal e o surgimento da sociedade burguesa³, esta deixou que um manto encobrisse as já nebulosas relações entre o público e o privado, de modo que se pensasse que as ações políticas estivessem ocorrendo somente no primeiro: “Uma estratégia poderosíssima agindo como cortina a impedir o seu questionamento” (FREIRE & BRITO, p. 30). O homem passou a ser apenas um componente subjugado, acorrentado. Suas individualidades pouco ou nada representando diante dos interesses comuns, tanto menos quanto esses “interesses comuns” concentrem-se nas mãos de poucos “comuns”. A exploração desenfreada fomentada pelas estruturas de poder cada vez maiores, jogaram o homem à condição de mero figurante em um drama cujo papel principal foi-lhe tomado.

³Aqui entendida como a sociedade resultante do processo de falência do modo feudal (e que foi, além de consequência, também causa).

Se o homem primitivo teve que lutar contra as forças físicas, as intempéries, contra uma natureza não domada; hoje o homem moderno vive diante de um inimigo poderoso e invisível: o capitalismo, seus instrumentos de sedução, a ideologização, o assujeitamento, a desrazão do cotidiano e a impotência causada por esse grande leviatã: as forças da Modernidade. (OLIVEIRA, p. 58)

Não há espaço para sentimentalismos. O “progresso” mostrou suas presas caninas e ditou as atuações nesse palco que o homem construiu para si, mas sobre o qual está proibido de pisar. O capitalismo, ainda que apenas uma ideia, seduziu de tal forma corações e mentes, que tudo quanto se refere à dignidade, consideração, respeito e sentimento foi jogado às favas. Uma criação humana que acalcanhou o que há de mais sagrado em cada um: A humanidade.

Pouco há de vestígios daqueles primeiros aglomerados cuja finalidade era o homem e suas necessidades. Não há espaço para o saudosismo e para a sensibilidade. A sociedade impõe-se e determina que o útil deve ser prioritário e este está longe do sentimentalismo, obsoleto. Assim, clareiras são esculpidas tanto nas matas quanto nos corações e se não houver mais matas onde abri-las, derrubam-se as antigas construções para que deem lugar a outras maiores e mais imponentes. Relíquias são esvaziadas de memória, pois as recordações devem ser apenas isto: Recordações.

Ernani Reichmann, em “Paiol Grande IV”, conta, provavelmente a partir de si mesmo, em sua juventude ainda no Rio Grande do Sul:

Ouve machados cortando. É outra clareira que se abre (nem precisa ver). Já é completamente dia quando começam a preparar o terreno para os trilhos, por onde devem correr os trens. Gente principia a chegar. É a vida ao redor do paiol. Casas surgem em toda parte. A mata desaparece. Restam os troncos decepados. Homens, usando perneiras, vêm marcar ruas e praças. Tudo, como sempre, continua a obedecer a um comando único, insubstituível. Mergulhado nesses ruídos, na vida intensa, todo mundo ocupado com alguma coisa, esquece-se do paiol. Ao vê-lo novamente, sente o desespero nascer em sua alma. O paiol já não tem cobertas. Suas paredes se desfazem, expostas assim ao tempo. Ninguém entra ou sai dele. Parece esquecido. Abandonado, sem calor humano, sem vida. Ao cair da tarde, já o paiol não existe. Nem coisa alguma que o identifique. Nenhum vestígio, nenhum resto, nada. Dá origem à cidade que cresce sobre ele e a seu lado, ou se perde outra vez na noite, que é na noite e somente nela (a noite da sua lembrança) que o paiol existe, se a cidade (e sua gente) lhe foi infiel desde o batismo. (REICHMANN (1967), p. 35)

A miséria, nas suas várias acepções, bofa livremente em todos os cantos onde homens se aglomerem. E os homens se aglomeram! Feito animais, entocando-se amontoados, rastejando por debaixo da mesa, à espera de que alguma migalha lhes precipite; quando então, aos bandos, engasgalham-se uns com os outros por algum restolho. E os cupinchas do leviatã riem com o espetáculo.

Reichmann, a propósito de seu personagem Teodoro, em “A Sombra de Teodoro”, comenta:

(...) Qual a diferença entre ricos e pobres? Nenhuma, a não ser em quantidade de moeda. Mas os ricos pensam que são muito diferentes. Fecham suas casas, constroem altos muros, cortam todas as ligações com os pobres. Com estes só se relacionam durante o dia, para extorquir deles o que for possível extorquir. E os pobres, que fazem os pobres? Servem aos ricos durante o dia e à noite descansam, quando podem, para continuar servindo-os, isto quando não podem extorquir nada dos mais pobres do que eles. Ficassem ricos ou quando ficam ricos, procedem como todos os ricos. Estes vivem com medo, pois todo pobre é um criminoso em potencial. Se durante o dia o rico rouba do pobre, à noite teme que o pobre vá roubar dele, pouco se preocupando se o pobre quer apenas o que lhe foi roubado. (REICHMANN, 1981, p. 138)

E assim o homem pobre passa sua miserável existência procurando manter-se vivo, com a cabeça para fora da torrente de imundícies. “Por toda parte, os fracos execram os poderosos na frente dos quais rastejam, e os poderosos os tratam como rebanhos dos quais se vende a lã e a carne” (VOLTAIRE, p. 66). O homem rico, este passa a vida lutando para não cair no enxurro. E o leviatã ri-se de seus cupinchas. Os homens criaram esse demônio que agora lhes arranca os olhos. Para ele, os homens, antes de ricos ou pobres, são só homens. Todos iguais, terão suas almas sugadas, mas não serão mortos, para que não cesse a galhofa. Somente depois de enfastiado os jogará aos vermes sob a terra.

Na Europa medieval, clérigos e nobres eram enterrados nos cemitérios, enquanto à plebe reservavam-se as fossas comuns. Como as emanções providas dessas valas além de desagradáveis provocavam pestes, com o tempo tal procedimento foi-se alterando. No século XVIII houve um relativo resgate da

dignidade humana e os mortos foram readquirindo o respeito. No século XIX (no bojo do romantismo) a morte passou a ser venerada até como libertação dos tormentos do mundo. Os rituais solenizaram-se, os túmulos tornaram-se suntuosos e os cemitérios cresceram. Todavia, o século XX, com todo o seu avanço científico e tecnológico, consumismo, descartabilidade e superficialidade, colocou novamente os mortos de lado. De pomposos, os velórios passaram a privados e silenciosos, o luto ficou restrito e discreto. O morto passou a ser “tratado como um desertor e a morte como um fracasso” (GOLDBERG & D’AMBROSIO, p. 48), pois o indivíduo vale pelo que produz, pela sua capacidade de ganhar dinheiro e, principalmente, de consumir. Quem não gera riqueza e não consome, não participa do sistema e, portanto, nada vale, é um inútil.

E as cidades continuaram crescendo e já não havia mais espaço suficiente sequer para os vivos, quanto menos para os mortos: “A cidade se estende para lá, para lá, para lá, da própria cidade. Não havendo mais muros, ou espaços sagrados” (OLIVEIRA, p. 62).

Em seu artigo, Oliveira expressa que o homem, com as grandes metrópoles, teve a subjetividade anulada e perdeu a própria individualidade, transformando-se em parte da massa manipulada. O propósito qualitativo da *polis* foi substituído pelo quantitativo; este o novo imperativo. Neste processo, o homem foi afastado de sua própria essência e de tudo quanto lhe possa ser sagrado. O homem foi, então, transformando-se em um sem-vida.

A rapidez de renovação do conhecimento e de tudo ao redor, levou o homem contemporâneo a distanciar-se sempre mais de suas próprias coisas internas. O avanço e disseminação dos meios eletrônicos de comunicação de massa e das tecnologias informacionais ostensiva e gradativamente endureceram e esvaziaram as almas. Não havendo sentimentos não há sensibilidade, não havendo sensibilidade não há amor e, portanto, não há o deus. A sociedade contemporânea rompeu a aliança há muito firmada, desde sempre.

Na medida em que foi perdendo sua essência, o homem passou a buscar complementação fora de si, na esperança de preencher o espaço deixado. Essa busca frenética levou-o a um afastamento ainda maior do sagrado, de si mesmo e do

convívio. No início do século XXI, pode-se observar claramente quanto o eixo outrora centrado na família (na formação da *polis*) foi desviado para longe.

Não, não foi a terra que matou a Deus, foram os homens. Nenhuma ligação mais na fumaça que subia das chaminés dos fogões a lenha. Só há fogões a gás por toda parte. Podem os homens não ter matado Deus, matá-lo é mesmo impossível, mas esqueceram-se dele, desprezam-no. E as casas tornaram-se frias como os homens. Não há mais calor dentro delas ou deles. Teodoro morreria de desgosto ao ver que nem mais a fumaça... Teodoro sabia que a cidade iria crescer. Cresceu, é verdade, mas ainda continua uma pequena cidade. Não é a grande cidade que Teodoro previu. Mas a cidade ficou menor porque os homens secaram por dentro. O espaço que ocupam agora é menor. Ninguém mais senta-se ao pé do fogão nas noites de inverno. Nem o fogo os aquece e nem mais eles se aquecem uns aos outros, não falam. Ficam o tempo todo tiritando de frio na frente de um aparelho de televisão. Querem absorver o calor que lhes vem das imagens, dramas, tragédias porque já são incapazes de viver um drama, uma tragédia. E se aquecem com dramas e tragédias enlatados como se alimentam também de enlatados. E um dia, mais tarde, não haverá mais gás. E também não haverá mais terra para a renovação das florestas. E aí será o fim, o fim que Teodoro não pôde prever. (REICHMANN, 1981, p. 137)

No Egito contemporâneo, na cidade do Cairo, um fenômeno chama a atenção: Desde os anos 60 podem ser vistas antenas de TV, em quantidades crescentes, sobre os mausoléus. Ocorre que as tumbas são acompanhadas de residências, em muitos casos verdadeiros palacetes, nos quais os familiares alojavam-se quando vinham cultuar seus mortos. Contudo, segundo estimativas, atualmente mais de meio milhão de pessoas fazem dos mausoléus suas residências fixas e outro milhão vive nos edifícios de quatro andares construídos no interior dos cemitérios (MAGNOLI & ARAUJO, p. 140), pois estes estão próximos aos centros geradores de empregos. Os vivos voltando a habitar junto aos mortos, deles separados por poucos passos, como descrito por Oliveira ao retratar os antigos hábitos greco-romanos:

Sagrada era a terra; sacra, a casa. Toda habitação grega ou romana possuía um altar, no qual havia sempre restos de cinzas e brasas, cabendo ao dono manter a chama acesa. Desgraçada a casa cujo fogo se extinguisse.
(...) Assim como a terra, a casa e os mortos eram sagrados, também a família. Entre os vivos e os mortos havia pouquíssima distância. Somente alguns passos, tantos quantos os separam a casa do túmulo. (OLIVEIRA, pp. 56-57)

Contudo, esses mortos do Egito de nossos dias não são necessariamente os mortos da família, tão pouco aquele solo é a morada dos deuses, não havendo mais a veneração, nem a chama sagrada. O inviolável foi esquecido e o homem desumanizado pelo leviatã que lhe usurpou toda a dignidade.

A massa de homens indignos encontrada neste início de século XXI não difere em muito das “hordas” do final do XIX e início do XX descritas por Oliveira. Lá como cá, as párias da sociedade burguesa vão-se instalando sob viadutos, ao largo de vias expressas, em encostas ou áreas pantanosas, constituindo “uma outra cidade que cresce espontaneamente nos interstícios da cidade” (MAGNOLI & ARAUJO, p. 141). Fenianos sintetiza uma visão carnificada da realidade desoladora geral dos subúrbios:

Assisto em câmera lenta o que acontece rápido. Jovens acendem cigarros de maconha e *crack* em algo parecido a cuias. Ao lado, crianças ainda com chupeta brincam com carrinhos e bonecas. Velhos conversam tomando chimarrão. Não há diferença entre o público e o privado. Eles fazem na rua o que fariam em casa. (FENIANOS, p. 118)

Se já não havia mais o sagrado na metrópole, agora pouco resta no homem: Solidão, vazio e até sua existência comprometida. Seu próprio nome, que lhe conferia a existência junto ao meio e a si mesmo, dando-lhe a certeza de existir pelo menos a cada vez que fosse pronunciado, também já não significa nada:

Quanto aos nomes, ao termo que especifica, que dá uma identidade, somente os têm aquelas pessoas que se transformam em fenômenos sociais, para o bem ou para o mal (...). Aquele que não pode ser modelo ou espetáculo – inominável. A cidade ideal somente a República Platônica. Mesmo assim, excludente como a polis grega – excludente como a Nova Iorque retratada em Ragtime. Aquela somente para homens livres; esta somente para brancos capazes de participar do grande espetáculo proporcionado pelo capitalismo e de gerar espetáculo. (OLIVEIRA, p. 62)

O homem, no afã de querer *ter* pela impossibilidade quase absoluta de *ser*, posto que assujeitado, hipoteca-se sempre mais, compulsivamente, sem tomar conta de estar submetendo-se ao escárnio. E quem haveria de prescrever este maldito receituário? Ela, a modernidade, esse leviatã, rindo-se do homem que já mal se sustenta sobre as próprias pernas.

A Velha, em “Cândido”, descreve sua angústia diante do apego à vida, apesar de todo suplício:

(...) cem vezes quis matar-me, mas ainda gostava da vida. Essa fraqueza ridícula talvez seja uma de nossas inclinações mais funestas: pois será que há algo mais tolo que querer carregar sem trégua um fardo que sempre poderíamos jogar ao chão? Sentir horror pelo seu ser e estar apegada a esse mesmo ser? Enfim, acariciar a serpente que está nos devorando, até ela roer-nos o coração? (VOLTARE, p. 46)

Precavido, o leviatã sisou a determinação humana em buscar a morte ao mesmo tempo inculcando-lhe o medo do desconhecido. Medo este quase sempre escondido sob simulacros. Do conflito gerado entre a vontade de romper com a dura realidade e o medo da morte, na impossibilidade da salvação, dado o esfalfamento do espírito humano, surge uma angústia que não pode ser curada; quando muito, escamoteada. E o homem vai buscar remédio ao seu sofrimento no exterior, naquilo que a sociedade burguesa lhe oferece. Contudo, apenas paliativo, não resolve o tormento da alma, pela absoluta impossibilidade de se completar o imaterial com o material.

Aqui e ali, alguma resistência. Em meio às hordas sem razão, sem participação e sem a própria subjetividade, alguns poucos escapam ao domínio leviatânico e lançam súplicas aos céus ou seus protestos à turba mouca, mesmo faltando-lhes convicção.

Não há mais o calor do fogão à lenha: não há mais deles e menos ainda tempo. O trabalho já não constrói, apenas produz. Não há mais bravura, honra ou dignidade; apenas o *status*. Não há mais o terreno sagrado e é maldito o ventre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUDGE, Ernes. A. Wallis. **Magia Egípcia**; trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1986.
- FENIANOS, Eduardo. **O Urbanauta**. Curitiba: UniverCidade, 1998.

- FREIRE, Roberto. & BRITO, Fausto. **Utopia e Paixão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- GOLDBERG, Jacob Pinheiro. & D'AMBROSIO, Oscar. **A Clave da Morte**. São Paulo: Maltese, 1992.
- MAGNOLI, Demetrio. & ARAUJO, Regina. **A Nova Geografia**. 2ª ed, São Paulo: Moderna, 1997.
- MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é a Morte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- OLIVEIRA, Wilton Fred. Cardoso de. **Do Sagrado ao Profano: A Urbes em Ragtime**.
Revista FACEL, v. 1 (n.º 1): p. 56-62, 2003.
- REICHMANN, Ernani. **Volta às Origens**. Curitiba: Edições ER, 1967.
- _____. **Cadernos PS I**. Curitiba: Pelo autor, 1981.
- VOLTAIRE. **Cândido**; trad. A.P. Marie Cambe. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil, 1996.